



Ensaio Fotográfico

Tudo que não nos serve deve ser Contestado?

Osiris Duarte¹

No caminho ia me distraíndo contando as torres de energia elétrica ao longo da avenida. Meio perdido ainda, andando por aquela rua que parecia não ter fim, mantinha contato por telefone com uma dirigente do Sindicato dos Bancários, que também milita na Frente de Luta Popular e em outros movimentos sociais. Ela me orientava como chegar ao destino: A Ocupação Urbana do Contestado. Era meados de 2012, e eu fui convidado, assim como vários colegas da imprensa sindical e alternativa, para marcar presença na ocupação com a minha câmera. O chamamento feito aos militantes foi uma forma de resguardar a segurança daquelas famílias que ali se instalavam, pois havia a ameaça de uma ação truculenta da polícia e, era preciso, se a presença de tantas pessoas não causasse receio, ao menos documentar.

A ocupação do Contestado fica no município de São José-SC, que faz parte da grande Florianópolis, no bairro Jardim Zanelato. A alusão a Guerra dos Contestado não é só uma mera palavra com efeito moral. Em 2012, ano em que se estabeleceu a ocupação urbana em São José, a batalha histórica completou 100 anos. Os caboclos revoltosos, que lutaram contra uma realidade de corrupção, grilagem de terras, miséria, abuso de poder dos coronéis, ociosidade no acordo de divisas dos Estados de Santa Catarina e Paraná, influência religiosa negativa entre outros fatores que levavam as populações sertanejas ao desamparo, sofrendo com a opressão e injustiça comum na realidade da relação de classes na sociedade brasileira, deram as vidas em nome da liberdade. Essa brevíssima lembrança das razões que levaram a Guerra do Contestado é suficiente para entender a escolha do nome para a ocupação, acredito.

Fotografar é um ato predatório quase sempre. Procurando imagens, o comportamento é quase como de um caçador, armado e pronto para disparar. Mas minha “mira” focava outras coisas que não só as casas precárias, os barracões de lona, a vala que corria em meio às primeiras construções. Meu olhar vagava mesmo nas pessoas, essas coisas que não são coisas, acredite.

¹ Jornalista no Sindicato dos Bancários de Florianópolis, Santa Catarina. Correio eletrônico: osirisduarte@gmail.com.

Em 2012, no início da ocupação, o registro dos moradores do Contestado tem um ar ainda triste, de certo desamparo. Apesar da esperança no fundo dos olhos de todos, ainda permeava um clima de insegurança. As instalações ainda eram apenas barracões de lona preta. Água e luz apenas no “gato”, esgoto ainda a céu aberto. A ameaça de uma ação de desocupação do terreno corria paralela a lembrança vaga da promessa de campanha política. O terreno já tinha sido prometido àquelas famílias, mas passada a eleição, nenhuma promessa tem segurança.

Em 2013 recebi outro convite. Daqueles que dá um desfecho melhor. Volta com a câmera e fotografa a festa! Em uma ação promovida por entidades sindicais e movimentos sociais, os moradores do Contestado puderam comemorar um ano de estabelecidos na “terra prometida”. Dessa vez fotografei mais sorrisos, menos miséria e mais dignidade. Não que isso não houvesse antes... Digo: a dignidade. Mas enquanto todo mundo comia junto, enquanto grafiteiros pintavam os muros da comunidade, enquanto o jogo de dominó e o hip hop de trilha sonora rolavam, tive uma sensação que não sentia há muito tempo. Para além de mim, tive a sensação de esperança no outro. Sai de lá com a certeza que contestar é o caminho certo daqueles que não são considerados. E que esperança é consequência de quem acredita.





















